

Por Que a Culpa?

Por Urania Tourinho Perez*

Cem anos são passados desde o nascimento da psicanálise, e nos indagamos qual a sua contribuição para a humanidade. Diminuiu o mal-estar produzido pela cultura? Diminuiu o sofrimento e a dor psíquica do homem? E, sobretudo, que fizemos nós, psicanalistas, com o espetacular legado que nos deixou Freud? Afinal, qual a culpa da psicanálise e dos psicanalistas nesse final de milênio? Qual a culpa de nossas instituições psicanalíticas?

Que a culpa existe desde nossa origem e que sua recordação nos acompanha em nossa trajetória está comprovado pela escuta no divã e pela leitura de nossa história. Pecado original, desobediência à Deus, crime fratricida, morte de Abel por Caim, assassinato do pai da horda, há sempre na origem um ato culpabilizante. Se, no início, foi um ato, esse ato gerou a culpa e a culpa presentifica-se em nossa memória. A culpa é sempre uma culpa recordada. Culpa que decorre de uma lei sob a qual somos regidos e que se inscreve em sua dimensão simbólica; culpas reais que nos acometem por nossas faltas e atos quotidianos.

Assim, na universalidade da culpa, podemos distinguir uma culpa coletiva e uma culpa individual. As grandes guerras que se presentificaram em nosso século, as revoluções, o extermínio dos judeus, são culpas coletivas geradas por acusações igualmente coletivas. Para Marx, a sociedade burguesa é a culpada. A culpa não está no indivíduo isolado, mas na sociedade que o abriga, ou melhor, no capitalismo. Para Hitler, uma raça era culpada; daí sua tentativa de exterminá-la. É importante assinalar esses atos que, visando atacar culpados, criaram novas culpas. Muito se tem escrito sobre a culpa do jovem alemão, herdeiro das atrocidades cometidas por seus antepassados. Será que não podemos interpretar o ressurgimento de movimentos nazistas motivados, ainda que estranhamente, por essa mesma culpa? Há sempre uma dívida a pagar: a das grandes potências com os países do terceiro mundo, a dos fortes com os fracos, a dos ricos com os pobres.

Este século, que ora finda, vem sendo responsabilizado por uma grande crise de valores morais. Inúmeras análises apontam causas diversas: o consumismo excessivo dos anos sessenta teria produzido uma geração de jovens egoístas e individualistas, nos quais a satisfação das próprias necessidades transformou-se em objetivo fundamental da vida; os direitos passaram a ser disputados com vigor e os deveres, relegados a um segundo plano. A década de sessenta é apontada como o período em que floresceram os grandes movimentos de liberação: o feminismo, a libertação da mulher, a conquista da liberdade no amor, a ruptura com padrões sexuais tradicionais, a livre escolha profissional com o rompimento de velhas tradições que impunham um destino *a priori*, as aberturas dos manicômios, as grandes reivindicações estudantis, como o movimento de maio de 68, na França; o protesto contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos e a explosão dos Beatles, Woodstock e o lema "paz e



"Aniquilação da Verdade", instalação de Alma Suljevic

amor". No Brasil, Argentina e Chile, a ditadura militar ceifou a esperança de uma geração fortemente comprometida com reivindicações políticas de melhoria social.

Alterou-se, ainda, nesse período, a relação com a família, com a religião e com a educação. Todas essas alterações levam-nos a indagar: estamos vivendo, por meio de uma crise de valores, apenas a derrubada de padrões éticos, ou estamos ao lado dessa crise no limiar de uma nova ética? É possível que, no centro de toda essa revolução, possamos situar a conquista da liberdade pelo homem. Por isso mesmo, denomina-se a geração atual "filhos da liberdade".

Robert Wuthnow¹, investigador das transformações de valores no século 20, no texto *Obrar por compasión* - um estudo sobre a sociedade norte-americana - procura chamar a atenção para o fato de que o crescente individualismo em nossa época incorpora até a preocupação de ajudar o próximo, aparentemente exacerbada nos EE.UU., como decorrente desse próprio individualismo. A preocupação com o outro nada mais é que a preocupação consigo próprio. A grande crítica à geração atual dirige-se ao egoísmo - uma geração com hipertrofia do eu, uma "geração do eu", sobretudo solidificada na década de setenta. Essa década, embora apresentando o incremento de uma consciência social e política, marcou também um movimento de interiorização, uma volta do homem sobre si mesmo, a procura da paz interior, da segurança, a busca da própria identidade. Ainda segundo Wuthnow, muitos autores, preocupados com essas transformações de valores, assinalam, logo em seguida a esse período, o que então denominaram "década da avidez". Nos anos oitenta, o movimento predominante era o de

acumular; o enriquecimento passou a ser uma conquista mais importante que a própria realização pessoal. Os anos noventa serão caracterizados como a "década da liberdade", incluídas nessa avaliação as mais controversas e paradoxais conquistas.

A noção de liberdade é, em si mesma, bastante complexa, podendo, por exemplo, no plano social e político, bascular entre o socialismo para uns e o livre mercado para outros, conviver com movimentos de massa e conquistas sociais ao lado de um crescente individualismo.

Não sabemos se o nosso século foi mais ou menos dominado pela culpa. Podemos, entretanto, afirmar que uma nova dimensão lhe foi atribuída e que Sigmund Freud foi o artífice dessa modificação. A psicanálise nos propicia-nos, assim, uma nova leitura da culpabilidade, do que se destaca como sentimento de culpa.

No que se refere à história da humanidade, Jean Delumeau² nos faz ver que, já nesse período, encontramos na Europa uma culpabilidade em massa, uma promoção sem precedente da interiorização e da consciência moral. Chega a afirmar que, em um estágio coletivo, nasceu, no século XIV, uma "doença do escrúpulo". A agressividade desencadeada contra os cristãos, não esgotada nessas lutas, gerou uma angústia global que se fragmentou em diversos modos nomeados, dando origem a um novo medo - o medo de si mesmo.

A culpa, fundamentalmente associada à religião, vai perdurar durante muitos séculos. Lutero acentua o lado da maldade humana e priva o homem da expiação de suas culpas por meio de suas ações. Somente na fé a salvação é encontrada.

A partir do século 19, surge um movimento de combate à culpa, destacando-se nele o filósofo Frederic Nietzsche. O homem é culpado, carrega uma dívida em relação aos seus antepassados, e o sentimento de culpa tem sua origem na relação mais antiga e primordial do credor com o devedor. Medir preços e valores, estabelecer uma hierarquia: eis uma preocupação do pensamento primitivo, ponto em que pode ser situada a própria gênese do pensamento³. A má consciência é uma doença que o homem contraiu sob a pressão que sofreu ao encerrar-se na vida em sociedade, tendo que inibir os seus instintos e a sua agressividade⁴. Esses instintos, impedidos de se externarem, interiorizam-se, dando origem à alma. "A hostilidade, a

1 - Wuthnow, Robert *Obrar por Compasión* In Beck Ulrich, *Hijos de la Libertad* (trad) Mariana Rojas Bermúdez, Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1999.

2 - Delumeau, Jean. *Le Pêché et la Peur: la culpabilisation en Occident, XIII XVIII siècles*. Paris: Fayard, 1983.

3 - Nietzsche, Frederic. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo Cesar Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987. p 73.

4 - Ibid. p. 89.

crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição - tudo isto se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da consciência".⁵ A má consciência é o próprio sentimento de culpa que aniquila o homem.

Freud não segue Nietzsche, o que vai nos mostrar que a psicanálise é a possibilidade de uma distinção entre uma culpa religiosa, mórbida, e uma consciência moral ligada ao sentido de uma falta. Enquanto a religião, através da noção de salvação, procura eliminar o pecado, a psicanálise considera que a culpa é irremovível. Essa culpabilidade decorrente da falta não repousa na noção de pecado, mas inscreve-se como uma dívida simbólica determinante de nossa condição humana. O homem é culpado pela ruptura com a ordem da natureza; ele é culpado por falar, e essa culpa toda a humanidade suporta.

No texto *El malestar en la Cultura* - um clássico na análise da relação do homem com a cultura e, particularmente, sobre a gênese da consciência moral e do sentimento de culpa, Freud chega a conclusão

*"... da participación del amor en la génesis de la conciencia moral, y el carácter fatal e inevitable del sentimiento de culpa... pues el sentimiento de culpa es la expresión del conflicto de ambivalencia, de la lucha eterna entre el Eros y la pulsión de destrucción o de muerte"*⁶.

Ainda para Freud, toda vez que o homem tem que enfrentar os problemas de convivência, tendo a família como a célula matricial, os conflitos decorrentes irão se expressar através do que denomina "complexo de Édipo", pelo qual se introduz a consciência moral e surge o primeiro sentimento de culpa. Sabemos que, para ele, o nascimento da cultura vincula-se a um ato agressivo de morte ao pai primitivo que, uma vez consumado, satisfaz o ódio presente na ambivalência e o amor aparece sob a forma de arrependimento. Conclui então:

*"Y si la cultura es la vía de desarrollo necesaria desde la familia a la humanidad, entonces la elevación del sentimiento de culpa es inescindible de elle como resultado del conflicto innato de ambivalencia, como resultado de la eterna lucha entre amor y pugna por la muerte; y lo es, acaso, hasta cimas que pueden serle difícilmente soportables al individuo"*⁷.

O sentimento de culpa é assim, para Freud, "el problema más importante del desarrollo cultural"⁸ e o homem paga o progresso da cultura com a perda de felicidade



"Aniquilação da Verdade", instalação de Alma Suljevic

que decorre desse sentimento.

Não é tarefa fácil para a psicanálise usar o seu referencial teórico, construído a partir da análise do indivíduo, para avaliar manifestações da cultura. O próprio Freud faz um alerta nesse sentido, mas não deixa de assinalar uma analogia entre o processo cultural e a via de evolução do indivíduo, chegando mesmo a se referir a um supereu cultural, sob cuja influência o progresso da cultura se efetivaria. Nessa direção, ele nos afirma que o supereu de uma época cultural tem origem semelhante à do indivíduo e, da mesma maneira que o supereu individual, ele impõe exigências ideais que, quando não atingidas, resultam igualmente no aparecimento da "angústia da consciência moral". Freud se refere-se a

*"... la impresión que han dejado atrás sí grandes personalidades conductoras, hombres de fuerza espiritual avassalladora, o tales que en ellos una de las aspiraciones humanas se há plasmado de la manera más intensa y pura, y por eso también, en menudo, más unilateral"*⁹.

Retornemos ao momento em que vivemos. Nada é mais flagrante que o declínio da figura paterna, assim como a queda das figuras de autoridade. Se seguimos a psicanálise, esse declínio nos trará, como consequência, não necessariamente a diminuição da consciência moral, mas o incremento de uma angústia de culpabilidade. Uma fragilidade na relação com o outro daí decorre; e também uma fissura na própria identidade que se traduz na pergunta constante de quem sou, que faço e que desejo. A denominação "filhos da liberdade" para caracterizar uma geração, em princípio, pode nos deter no que então

5 - Ibid. p.90

6 - Freud, Sigmund. *Obras Completas*. Trad. por José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrotu, 1992. Vol.21. cap.7.

7 - Ibid. p.128

8 - Ibid. p.130

9 - Ibid. p.137.

aparece como noção de liberdade: a ruptura de vínculos. A doença atual é uma doença de vínculos e o sintoma maior dos tempos atuais: a instabilidade da família, a fragilidade das relações afetivas, a crise das igrejas e a pulverização de infinitas seitas religiosas, o declínio das universidades, a fragilidade ideológica dos partidos políticos, a falta de perspectivas profissionais, a eliminação dos rituais da morte, casamento, etc, enfim, tudo o que decorre de uma tradição a nos impor limites e traçar destinos. O jovem, hoje, pode-se dizer livre e, aparentemente, possui a liberdade de escolha na vida; mas, de fato, acaba por ficar aprisionado a essa pseudo liberdade que nada mais é senão a inexistência de laços que o conduzam pela vida. Uma liberdade do vazio que não encontra outra resposta a não ser a angústia. É possível que nosso maior mal-estar repouse exatamente nessa doença dos vínculos ou, se quisermos, do narcisismo. Já não cremos, não obedecemos, não nos orientamos, não admiramos. E esse abandono ao outro vai nos encorajando em nossos invólucros narcisistas. O descartável é o predominante em nossa época: valores, pessoas, relações, instituições, objetos, teorias. Assim sendo, necessariamente, para enfrentar o vazio da desesperança, o mundo necessita ser fetichizado - valores são incorporados ao sem valor.

Se a psicanálise constitui-se um discurso que pode denunciar essa constelação sintomática, por outro lado ela própria faz parte desse sintoma. Tomando a falta, a incompletude como o cerne da constituição humana, ela tem que manejar sua própria falta. A psicanálise nunca propôs curar a humanidade de seu sofrimento, assim como a medicina também não pode tudo curar. As dores da alma são inerentes à nossa condição humana. O homem pode tomar uma pílula para apaziguar a sua tristeza, para consumir um pouco de felicidade, para corrigir as falhas do seu desejo sexual, para modificar o seu corpo, porém jamais ele encontrará uma pílula que lhe revele o sentido de sua

existência. Produto de tantos fatores externos, tantos *slogans*, tanta massificação, o que vai se agudizando é a questão fundamental: afinal, quem sou eu? É possível que, nesse momento, a crise de identidade seja o ponto central de nosso sofrimento. As globalizações tornam-nos indistintos, produtos em série. Ouvir pela televisão o anúncio de um leilão de óvulos de belas mulheres, para quem deseja ter um filho belo, causa horror. Até a certeza da maternidade, do filho biológico, fica quebrada. Nesse mundo louco, onde a maior loucura é não sabermos onde está a loucura, o homem não pode perder a interrogação sobre si mesmo. É aí que exerce seu papel a psicanálise, essa aventura vertiginosa que nos traz de volta a nossa singularidade, que nos leva a rastrear uma história em que somos autor e personagem.

A psicanálise não morrerá. Freud mostrou-nos que, por trás de nossas falsas certezas, há que buscar uma verdade que nos possa dizer: isso não ficará esquecido. E o inconsciente é essa possibilidade de encontrarmos, por trás de uma importação de valores, ideais e padrões que contornam o nosso eu, uma fonte singular de desejo. Justamente por isso, Lacan enfatizou a dimensão da psicanálise como uma ética. Se inicialmente falamos da suposição de estarmos frente ao surgimento de uma nova ética nessa virada de milênio, agora cabe a psicanálise falar.

Se a psicanálise fracassa, é porque ela verdadeiramente não está sendo escutada. Se as instituições psicanalíticas estão contaminadas com a doença da fragilidade dos vínculos e de uma exacerbação do narcisismo é porque elas carregam a culpa de trair os seus próprios fundamentos.

Freud nos ensina: é preciso saber escutar, escutar a angústia e a culpa de existir porque, só através da fala, essa angústia e essa culpa podem cobrar sentido e, para que haja fala, é necessário que haja escuta. Importa lembrar agora que, se a psicanálise foi revolucionária em sua origem, a condição de sua sobrevivência é que ela continue revolucionária.